

humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME II



COIMBRA
MCMXLVIII-MCMXLIX

A formação da personalidade de Pérsio

Nasceu Pérsio em Volaterras (1), velha cidade etrusca, de uma antiga família equestre, bafejada pelos dons de fortuna e, além do mais, ligado pelos laços do sangue e da aliança à alta nobreza, segundo nos informa a sua biografia: *anatus in Etruria Volterris, eques Romanus, sanguine et affinitate primi ordinis uiris coniunctus.*y) (2)

Nesse ambiente de severa e elevada distinção, frequente, em geral, nas cidades da província, e especialmente mantido na Etrúria por sua aristocracia rural, é que se passou toda a infância de Pérsio, confiada em particular aos cuidados da mãe, como também aos de uma tia paterna e da irmã, porquanto seu pai morrera quando ele contava apenas seis anos de idade: *apater eum Flaccus pupillum reliquit, moriens annorum fere VI.* » (3)

E certo que a mãe se casou pela segunda vez com um tal Fúσιο, também cavaleiro romano, mas para enviuvar de novo poucos anos depois: *enater Fulvia Sisennia nupsit postea Fusio, equiti Romano, et eum quoque extulit intra paucos annos.* » (4)

Os primeiros estudos fê-lo Pérsio na sua cidade natal — *«studuit Flaccus usque ad annum XII aetatis suae Volter-*

(1) Vol terra, que aparece na *Vita Persi*, é o nome moderno da cidade, situada na província de Pisa. F. Gaffiot, *Dictionnaire illustre latin-français*, e todos os bons dicionários, só registram *Volaterrae*.

(2) *Vita Persi de commentario Probi Valeri sublata*, 2.

(3) *Vita Persi*, 3.

(4) *Vita Persi*, 3.

ris» (5) — e provavelmente sob a orientação materna, como era costume entre os Romanos, que dos pais recebiam os primeiros rudimentos (6), e isto quer pessoalmente, quer por intermedio de um pedagogo da família. Só, pois, aos doze anos é que se teria transferido para Roma, com o fim de aí seguir os maiores mestres da época, o gramático Rémio Palémon e o retor Virgínio Flavo.

Era Palémon, realmente, um indivíduo de grande inteligência e extraordinária cultura, mas que, infelizmente, não aliava a estas qualidades intelectuais os dotes de um carácter recto e bem formado, o que levou os imperadores Tibério (que era um tão grande conhecedor dos homens) e Cláudio a manifestarem publicamente o seu desprezo por tal personagem, dizendo não haver ninguém menos digno de orientar a formação das crianças e dos jovens do que ele: «*palamque et Tiberio, et mox Claudio, praedicantibus, nemini minus institutionem puerorum uel iuuenum committendam.* » (7) Plínio-o-Velho também faz menção de sua insuficiência moral, referindo-se à pouca fortaleza e extraordinária vaidade que o caracterizavam: «*non uirtute animi, sed uanitate primo, quae nota mire in illo fuit.*» (8) Confirmando inteiramente esta observação de Plínio, relata-nos Suetonio (9) algumas anedotas a respeito deste gramático, como o facto de alcunhar de «porco» a Marco Varrão e o de vangloriar-se de que as letras haviam nascido e morreriam com ele, e de que Virgílio só casualmente não incluía o nome dele, Palémon, em uma das *Bucólicas* (10), mas que o fizera por prever que o gramático havia de ser um dia o supremo juiz de todos os poetas e poemas, etc.

Nascido na servidão, conseguiu o vicentino Rémio Palémon instruir-se, acompanhando o filho de seu amo à escola, e só com ouvir as lições que este recebia. Posteriormente alforriado, instalou-se com uma próspera escola em Roma, tor-

(5) *Vita Persi*, 4.

(6) Lembre-se Ovídio, *Trist.*, 11, 343 : «*cur me docuere parentes ?*»

(7) Suet., *De illustr. gramm.*23.

(8) *Nat. hist.*, XIV, 50.

(9) Suet., *De illustr. gramm.*, 23.

(10) Virg., *Buc.y* ui, 50.

nando-se desde logo conhecido e famoso, por sua brilhante inteligência, pelo encanto da palavra fácil e pelo fulgor de uma memória prodigiosa, e, enfim, por sua vasta erudição nos domínios da língua e da literatura. Tais predicados não tardaram em fazer afluir uma verdadeira multidão de jovens discípulos que o iam escutar, dando-lhe a escola uma renda anual de quatrocentos mil sestércios, a qual, entretanto, embora acrescida de outros proventos, não bastava para lhe satisfazer as despesas excessivas.

Ale'm de gramático eminente (escreveu um tratado, *Ars Palemonis* (11), hoje perdido), compunha, com facilidade, nos mais variados metros. Em seu ensino, manifestava-se partidário dos modernos, como Horácio, assentando suas explanações em uma exemplificação haurida quase que exclusivamente em Terêncio, Cícero, Horácio e Virgílio.

Este era o mestre, brilhante, sem dúvida, mas pouco escrupuloso e de costumes relaxados, a quem se confiou a educação de Pérsio, nos domínios da literatura e da língua. Muito embora o ascendente intelectual exercido sobre o poeta deva ter sido grande, o certo é que o jovem estudante não se prendeu a tal mestre pelos laços de uma verdadeira e profunda admiração, fortalecidos pela simpatia e amizade pessoal. E isto explica que em toda a obra de Pérsio não haja a menor referência a Palémon nem a seu ensino.

Conquanto quase nada se saiba de positivo a respeito de Virginio Flavo — perdeu-se o capítulo que, em seu trabalho *De claris rhetoribus*, lhe consagrava Suetónio—, pode afirmar-se que, do ponto de vista moral, tinha outro valor e outro carácter, marcando verdadeiro contraste com o precedente. Assim é que Tácito nos informa ter sido exilado Virginio Flavo, juntamente em o filósofo estoico Musónio, pelo lustre de seu nome, bem como pelo valor moral e educativo de sua eloquência na formação da mocidade: «*Verginium Flauum et Musonium Rufum claritudo nominis expulit: nam Verginius studia iuuenum eloquentia, Musonius praeceptis sapientiae fouebat.*» (12) Quanto a seu valor intelectual, além do testemunho

(11) Citado por Juvenal, vi, 452.

(12) Tácito, *Ann.*, xv, 71, g.

de Tácito, que acabamos de citar, poderíamos ainda acrescentar o juízo seguro de Quintiliano, que, ao estranhar que uma matéria tão importante como a questão da qualidade tenha sido tratada sucintamente por Flavo, se apressa em antecipar o alto conceito em que o tinha : «*hoc tantum admiror Flauum, cuius apud me summa est auctoritas, cum artem scholae tantum componeret, tam anguste materiam qualitatis ter minasse.*») (13) Assim, aliando à sua cultura técnica — que era grande, a ponto de Quintiliano o citar frequentemente ao discutir assuntos controvertidos (14) — uma elevação moral que presidia a seu próprio ensino — a ponto de o tornar suspeito, provocando-lhe o exílio (15), como referiu Tácito—, reunia Flavo em si os requisitos para se insinuar à estima e consideração de seu jovem educando. Entretanto, na obra de Pérsio, não se encontra também a menor referência a Virgínio Flavo, o que poderia parecer surpreendente, senão mesmo quase contraditório. A explicação deste facto está, a meu ver, no seu amor entusiástico pela filosofia, nele desenvolvido por Cornuto, cuja forte impressão o fez esquecer, ou julgar como de somenos importância, tudo o que lhe fosse estranho. Aliás não era Cornuto unicamente filósofo, sendo grande parte da sua obra consagrada à gramática e à retórica, que, como judiciosamente observa Villeneuve, eram consideradas pelos filósofos da escola estoíca como ramos da lógica (16).

A grande influência que se exerceu sobre Pérsio, e de forma não somente intensa, mas igualmente duradoura, foi, indubitavelmente, a de Aneu Cornuto, e o facto não é atestado apenas por sua biografia, mas, principalmente, pela quinta sátira, que o poeta lhe consagra. Com efeito, refere a mencionada biografia que Pérsio conheceu o filósofo ao contar dezasseis anos de idade, daí em diante não mais se afastando dele: *acum esset annorum XVI, amicitia coepit uti Annaei Cornuti, ita ut nus-*

(13) Quin\, vu, 4, 40.

(14) P. ex.: m, 6, 455 ou vu, 4, 24.

(15) Virgínio Flavo viu-se, aliás, implicado na conjura de Pisão contra Nero, o que motivou o seu exílio.

(16) F. Villeneuve, *Essai sur Perse*, pág.79.

quam ab eo discederet; inductus aliquatenus in philosophiam est.» (17)

Deixemos, porém, as frias expressões da biografia, passando ao calor das palavras do próprio poeta:

*«... quantaque nostrae
pars tua sit, Cornute, ani?nae, tibi, dulcis amice,
ostendisse iuvat.» (18)*

E, logo depois deste introito, conta-nos Pérsio como o recebeu o filósofo em seu seio socrático, acolhendo-o paternalmente, a ele que, pela pouca idade que então contava — pois mal deixara, cheio de espanto, a púrpura da toga pretexta que era a sua protecção, e acabara de consagrar a bula de sua infância aos deuses Lares —, não tinha ainda conhecimento seguro da vida, sendo levado por sua marcha incerta à encruzilhada dos caminhos da existência :

*« Cum primum pauido custos mihi purpura cessit
bullaque subcinctis Laribus donata pependit,
cum blandi comites totaque impune Subura
permisit sparsisse oculos iam candidus umbo,
cumque iter ambiguum est et uitae nescius error
deducit trepidas ramosa in compita mentes,
me tibi supposui. Teneros tu suspicis annos
Socratico, Cornute, sinu.» (19)*

E, acolhido a esse seio socrático do filósofo, o jovem poeta, numa convivência espiritual e intelectual de todos os instantes, passava os dias inteiros na aplicação do estudo, juntos entregues ao trabalho e juntos dispondo do repouso, e aliviando a tensão das preocupações mais sérias numa refeição frugal:

*« Tecum, etemm, longos ?nemini consumere soles
et tecum primas epulis decerpere noctes.*

(17) *Vita Peni*, 4.

(18) Pérs., V, 22-24.

(19) Pérs., v₅ 30-37.

*Vnum opus et requiem pariter disponimus ambo
atque uerecunda laxamus seria mensa.» (20)*

E tal a comunhão de ideias e de sentimentos que os liga que Pérsio não hesita em afirmar, com toda a convicção de sua alma, que ele e Cornuto haviam nascido sob a influência do mesmo astro, que assim lhes determinara destinos paralelos :

*«Non equidem hoc dubites, amborum foedere certo
consentire dies et ab uno sidere duci :
nostra uel aequali suspendit tempora Libra.
Parca tenax ueri seu nata fidelibus hora
diuidit in Geminos concordia fata duorum,
Saturnumque grauem nostro loue frangimus una:
nescio quod, certe est quod me tibi temperat astrum.» (21)*

Atente-se, porém, que, embora esta influência de Cornuto sobre o poeta tenha sido muito grande, não foi, entretanto, única. Sem nos referirmos ao influxo cultural que recebeu de seus dois mestres anteriormente citados, nem ao ambiente familiar em que foi criado, vemo-lo situado num círculo das mais escolhidas amizades e relações, quer do ponto de vista intelectual, quer do ponto de vista moral.

Entre estas relações cumpre desde logo acentuar a do senador Peto Trásea, que, por dez anos, lhe dedicou a mais viva estima, e a quem, aliás, estava ligado por laços de família, sendo Pérsio parente de sua mulher Arria, como refere a biografia: *údem decem fere annis summe dilectus a Paeto Thrasea est, ita ut peregrinaretur quoque cum eo aliquando cognatam eius Arriam uxorem habentem* (22) Trásea é uma das figuras mais salientes do Império, por sua alta posição, pela alta cultura que possuía, não so filosófica, como um dos mais destacados partidários do estoicismo em seu tempo, mas também literária, sendo orador apreciado e autor de uma vida

(20) Pérs., v, 41-44.

(21) Pérs., v, 45-51.

(22) *Vita Persi*, 5.

de Catão, que, segundo se admite geralmente, foi a principal fonte de que se valeu Plutarco para escrever a biografia do Uticense. Era genro do célebre Cecina Peto e da não menos célebre Arria, cujo heroísmo despertara o entusiasmo e a admiração de tantos romanos, entre os quais se achava o próprio Pérsio, que lhe escreveu alguns versos, quando ainda criança: *ascripserat in pueritia Flacus... paucos in socrum Thraseae, Arriam matrem, uersus, quae se ante uirum occiderat.*) (23) Na carreira das honras, sob Nero, Trásea aseedera às mais elevadas posições, tendo sido cônsul súfete em 56 depois de Cristo. Enfim, pela dignidade com que revestia todas as suas atitudes, bem como pela pureza austera de seus costumes, fizera-se notar como um exemplo vivo, o que levou Tácito a designá-lo como a própria virtude, ao dar notícia de sua morte: *«trucidatis tot insignibus uiris, ad postremum Nero uirtute?n ipsam excindere concupiuit interfecto Thrasea Paeto et Barea Sorano.»* (24) Não chegou Pérsio a assistir à morte heróica do eminente senador, ocorrida em 66, mas privou de sua intimidade, no apogeu, justamente, da carreira deste grande homem, então cercado pela estima e pela consideração de todos os bons da cidade, não ousando os maus, no momento, atacá-lo. Por tudo isto achamos perfeitamente justificáveis as palavras de Villeneuve ao encerrar o estudo que faz da personalidade de Trásea, e que citamos a seguir: *ace grand honnête homme qui s'éleva jusqu'à Vhéroïsme sans s'être donné pour tâche de faire, à chaque heure de sa vie? figure de héros, n avait pas encore conquis, lorsque Perse fut admis dans son intimité, le prestige que revêtent toujours aux yeux des jeunes idéalistes les attitudes dangereuses. Mais, s'il ne s'offrit point à Vimagination de l'adolescent sous les traits d'un nouveau Brutus ou d'un nouveau Caton, l'indépendance de caractère qu'il conservait toujours dans l'accomplissement des devoirs de son rang, la manière aisée dont il pratiquait les vertus stoïciennes sans se renfermer dans la vie contemplative, l'art délicat qu'il possédait de donner aux*

(23) *Vita Persi*, 8.

(24) Tác., *Ann.*, χvi, 21, i.

autres l'exemple sans leur faire directement la leçon étaient bien propres à séduire une âme élevée, sensible, par nature comme par éducation, à Vélegance morale. » (25)

Outra personalidade marcante, pela posição política como pelo valor intelectual e moral, era Marco Servílio Noniano, a quem Pérsio estimava como a um pai: «*coluit ut patrem Seruilium Nonianum* (26).» Conseguiu Noniano sua reputação, primeiramente nos tribunais, depois como historiador. Conta Plínio-o-Moço que, certa vez em que o imperador Cláudio passeava no Palatino, ouviu o estrépito de entusiásticos aplausos e, ao ser informado de que eram provocados pela eloquência de Noniano, veio tomar lugar na assembleia para ouvi-lo também : *a at hercule memoria parentum Claudium Caesarem ferunt, cum in Palatio spatiaeretur, audissetque clamorem, causam requisisse, cumque dictum esset recitare Noni anum, subitum recitanti inopinatumque uenisse.*» (27) Ocupou Noniano as mais altas magistraturas, inclusive o consulado, tendo sido cônsul ordinário em 35. Tácito, ao dar notícia de sua morte, ocorrida sob Nero, faz-lhe os maiores elogios, julgando-o quer como intelectual, quer como homem de bem: «*sequuntur uirorum illustrium mortes, Domitii Afri et M. Seruilii, qui summis honoribus et multa eloquentia uiguerant, ille orando causas, Seruilius diu foro, mox tradendis rebus Romanis celebris et elegantia uitae quam clariorem effecit, ut par ingenio, ita norum diuersus.*» (28) Tendo-se perdido toda a obra de Noniano, não se pode, com objectividade, afirmar até onde tenha ido a sua influência sobre Pérsio. Mas a própria afirmação da biografia de que o poeta o estimava como a um pai, bem como o valor moral e intelectual de Noniano, fazem-nos supor que esta não deve ter sido nula, valendo, além do mais, como um exemplo vivo a ser seguido.

Enfim, só nos resta mencionar, dos seus amigos, Césio Basso e Calpúrnio Estatura, que conheceu desde os primeiros anos de sua adolescência: «*amicos habuit a prima adulescentia Cae-*

(25) F. Villeneuve, *Essai sur Perse*, págs. 42-43.

(26) *Vit a Per si*, 5.

(27) Plin., *Ep.*, i, 13, 3.

(28) Tác., *Ann.*, xiv, 1g.

sium Bassum et Calpurnium Staturam, qui uiuo eo iuuenis decessit.» (29) De Calpurnio Estatura só se sabe o que dele afirma a *Vida de Pérsio*, mas, quanto a Césio Basso, que mais tarde seria o editor das sátiras de seu finado amigo, sabemos que, além de grande especialista em métrica, foi também poeta lírico de valor, único a quem Quintiliano julgou dever citar ao lado de Horácio: *asi quem addicere uelis, is erit Caesius Bassus, quem nuper uidimus.»* (30) Da admiração que Pérsio deveria ter tido por ele é testemunho a introdução da sexta sátira, que lhe consagra:

*aAdmouit iam bruma foco te, Basse, Sabino ?
Iamne lyra et tetrico uiuunt tibi pectine chordae,
mire opifex numeris ueterum primordia uocum
atque mare strepitum fidis intendisse Latinae,
mox iuuenes agitare iocos et pollice honesto
egregius lusisse senex ?»* (31)

Poderíamos ainda citar, entre os que concorreram para estimular no poeta o amor da filosofia e das letras, bem como a elevação moral (além de Plócio Macrino, a quem, tendo-o conhecido em casa de Noniano, dedicou sua segunda sátira), o médico lacedemônio Cláudio Agaturno e Petrónio Aristócrates de Magnésia: *ausus est apud Cornutum duorum conuictu doctissimorum et sanctissimorum uirorum acriter tunc philosophantium Claudi Agathurni medici Lacedaemonii et Petroni Aristocratis Magnetis, quos unice miratus est et aemulatus, cum aequales essent Cornuti, minor eis ipse.»* (32)

Entre os simples conhecidos de Pérsio, que não exerceram, porém, uma influência sobre ele, não podemos deixar de citar o poeta Lucano, que se mostrou tão entusiasmado pela poesia de Pérsio, a ponto de declarar que, diante deste, os seus próprios versos não passavam de mera brincadeira: *«Lucanus mirabatur adeo scripta Flacci, ut uix se retineret, recitante*

(29) *Vita Persi*, 5.

(30) Quint., x, i, 96.

(31) Pérs., vi, 1-6.

(32) *Vita Persi*, 5.

eo, a clamore, quae ille, esse nera poemata, quae ipse faceret, ludos.> (33) Conheceu-o Persio na escola de Cornuto, e, sendo mais velho do que o poeta de *Farsália* e de temperamento muito diferente por suas tendências, senão mesmo pela própria origem, não é de se crer que tenha havido qualquer influência de um sobre o outro, e menos ainda recíproca, como fruto de uma simpatia e camaradagem intelectual. A mesma diferença temperamental, ainda mais acentuada pela diversidade de ambiente, o deveria ter afastado de Séneca, o mestre e ministro de Nero, tendo com ele travado conhecimento já tarde, e não se deixando seduzir pelos encantos do talento nem do estilo do mais representativo escritor de sua época: *asero cognouit et Senecam, sed non ut caperetur eius ingenio.!*(34)

Depois de ter examinado os principais elementos, quer oriundos de sua vida familiar, quer oriundos do círculo de seus mestres e amigos, que actuaram na formação de sua personalidade, só nos resta fazer uma rápida referência à reacção do poeta ao ambiente geral da sociedade de seu tempo. Isto nos leva desde logo a refutar uma opinião, quase pacificamente aceita, de ser a sátira de Pérsio o simples reflexo das influências de escola, sendo primordialmente a resultante do ensino de Cornuto e da leitura de Horácio. A influência que sobre ele exerceu a sua época, para fazer dele um poeta satírico, foi considerável. Esta influência, é claro, muitas vezes se fez sentir de forma negativa, levando-o a procurar reagir ao meio ambiente, como, por exemplo, se pode observar relativamente à moda literária de seu tempo, pela crítica que lhe faz na sátira primeira. Nem por isto, porém, deixa de ser sensível esta influência, ou de actuar no próprio psiquismo do autor. E, tratando-se de um poeta satírico, esta como que luta perene, determinada pelos antagonismos que se estabeleceram entre ele e o ambiente, constitui um dos elementos de sua própria sátira. Mas não se pense que é apenas a isso que se vai cifrar a influência do século sobre Pérsio. Ao tentar renovar a sátira horaciana, procurando abrir-lhe novos horizontes, era Pérsio tão de

(33) *Vita Persi*, 5.

(34) *Vita Persi*, 5.

sua época quanto Lucano, ao pretender dar novas bases à épica virgiliana. A sua própria formação cultural também tinha muito de comum com a geralmente recebida por seus contemporâneos, decorrendo em grande parte das leituras públicas e dos exercícios retóricos das escolas, muito embora pretendesse reagir contra isso.

Enfim, até mesmo o que nele é mais característico, a elevação de seu pensamento e a constante preocupação filosófica, ele o teria encontrado no ambiente familiar em que viveu e no contacto do seleccionado círculo de suas relações, o que, entretanto, em grande parte, seria um reflexo do meio ambiente. E isto porque o sentimento de insegurança pessoal, disseminado principalmente nas altas camadas, durante a dinastia júlio-cláudia, campeando em Roma, com interminências, o terror, determinava que os melhores procurassem nas doutrinas filosóficas mais em voga um alívio e uma força que os sustentasse, se, de um momento para outro, se vissem na contingência de enfrentar a morte ou a desgraça. E entre essas doutrinas filosóficas nenhuma havia então que mais se insinuasse ao espírito romano do que o estoicismo.